

ENTREVISTA Deputado federal Rubens Otoni



Orisvaldo Pires

A tarefa de articular o grupo de partidos da base aliada ao presidente Lula em Goiás e aglutinar forças em torno do projeto de eleger a ministra Dilma Rousseff em 2010, está sob a coordenação do deputado federal Rubens Otoni (PT). Um dos parlamentares que, na história política de Anápolis, detém um dos melhores desempenhos na busca de recursos e de obras junto ao Governo Federal, Otoni abusa de sua habilidade em dialogar não apenas internamente no PT ou com partidos aliados a Lula,

mas também com aqueles considerados adversários. As forças políticas que buscam o melhor para Goiás e para o Brasil, afirma Rubens Otoni, têm todas as possibilidades de conversar com os partidos que integram a base de apoio ao Governo Federal em Goiás, entre eles PT, PMDB, PP, PR e PSB. Otoni vê o PSDB "isolado"; avalia que as denúncias que tentaram atingir o secretário da Fazenda, Jorcelino Braga, influenciam politicamente no relacionamento entre pepistas e tucanos e defende a participação do DEM no projeto da base aliada ao Governo Federal em Goiás, em que pesem as divergências nacionais.

“ Apesar de nossas diferenças no cenário nacional, vejo que é possível buscarmos trabalho conjunto na disputa pelo Governo de Goiás. Trabalho para que haja esta unificação, garantindo ao DEM espaço para que possa fazer a campanha nacional diferenciada da nossa

“Acredito que nossa aliança em Goiás possa ter o DEM”

É possível a união da base do presidente Lula em Goiás ainda no primeiro turno das eleições deste ano?

Esse nosso propósito avançou muito. O diálogo entre esses partidos é efetivo. Partidos e lideranças que mantinham equidistância hoje já dialogam com facilidade, e isso nos leva a ter a certeza que a base do presidente Lula em Goiás disputará a eleição de maneira unificada. A dúvida que ainda temos é se no primeiro turno a base disputará com uma ou duas chapas, o que também é uma questão de estratégia eleitoral. Se entendermos que será mais importante disputar com duas chapas, certamente teremos um acordo político para estarmos unidos no segundo turno.

PT e PMDB ainda vêem possibilidade de candidatura de Henrique Meirelles?

Nesse esforço de unir a base do presidente Lula existem certezas e ainda perduram dúvidas. A certeza é que a base marchará unida para enfrentar o adversário principal que é o PSDB. Nesse sentido avançamos muito, porque isolamos o PSDB, tiramos o governo do Estado do PSDB, e com isso fortalecemos a base do presidente Lula. A dúvida é se disputaremos com uma ou duas chapas no primeiro turno, e a outra dúvida é o nome que vai coordenar a chapa majoritária. O PMDB tem nomes expressivos, como do prefeito Iris Rezende, que se somam a outros nomes dos partidos aliados. Nosso compromisso é que o nome que aglutinar mais, que unir mais essa base, será o que coordenará esse processo como candidato.

O seu nome foi colocado à disposição pelo PT. O senhor está preparado para o desafio, caso as discussões apontem para esta direção?

Caso meu nome seja visto como um nome que possa aglutinar, estou à disposição e preparado para enfrentar o desafio. Se outro nome, seja do

PMDB ou de outro partido, se apresentar em condição mais favorável, teremos a humildade necessária para recuar e apoiar esse nome. Essa discussão vai demandar ainda um certo tempo, não apenas dentro do PMDB, mas com todos os partidos da base do presidente Lula.

Qual o grau de dificuldade para um convênio do PMDB, por exemplo, se a estratégia for alterada?

O que facilita muito essa definição é que existe uma grande maturidade entre os partidos da base do presidente Lula em Goiás e existe um entendimen-

Respeitamos a posição de algumas lideranças do PMDB que ainda insistem nas críticas à administração Gomide

to entre todas as lideranças que compõem essa base que é fundamental que estejamos unidos para vencer as eleições. E todos estão dispostos a dar sua cota de contribuição visando essa vitória. Na medida em que teremos eleição não apenas para governador, mas para vice-governador, duas vagas de Senado e quatro de suplente de senador, temos todas as condições de termos a presença de todas as legendas representadas nessa chapa majoritária, o que facilitará, no momento oportuno, a organização dessa chapa.

O fato do PSDB ser o adversário comum dos partidos da base do presidente Lula facilita a união entre eles?

Com certeza facilita. Para quem tinha dúvidas sobre a força do presidente Lula ele hoje é não apenas um presidente respeitado no âmbito internacional, nunca tivemos um presidente do Brasil tão bem avaliado no país. Mais de 80 por cento da população o aprova. E mais, aquela que deverá ser sua candidata, a ministra Dilma Rousseff, que nunca foi candidata até hoje a nenhum cargo,

tinha 3% em fevereiro do ano passado, hoje está com 28%, já alcançou Serra no Rio de Janeiro, está na frente no Nordeste e está praticamente empate técnico em todo o Brasil. Fruto da visão que o povo brasileiro tem de ver a continuidade deste governo. Este cenário político favorável repercutirá nos estados e influenciará positivamente no ânimo dos partidos da base do presidente Lula na busca da unificação dentro de um mesmo projeto.

Em alguns Estados ainda há resistência do PMDB na formação de aliança com o PT nas eleições des-

te ano. Isso prejudica o projeto nacional?

O PMDB sempre foi um partido com muitas diferenças de posicionamento de estado para estado. O ponto positivo que conta é que hoje a parte majoritária do PMDB defende a aliança com o PT, com o projeto do presidente Lula. Mais que isto, o PMDB de Goiás é um dos aliados que têm contribuído na discussão com o PMDB nacional para que esta aliança se estabeleça. Inclusive já existe pré-acordo do PT com o PMDB em que os peemedebistas indicarão o candidato a vice na chapa da ministra Dilma Rousseff.

O Democratas integra aliança na qual os demais partidos fazem parte da base do governo federal em Goiás (PP, PSB, PR). Há possibilidade de entendimento com o DEM em nome dessa composição no estado?

Apesar de nossas diferenças ideológicas e políticas na análise do cenário nacional, vejo que é possível buscarmos trabalho conjunto na disputa pelo governo do Estado de Goiás. Trabalho para que haja esta

unificação, garantindo ao DEM o espaço para que possa fazer a campanha nacional de maneira diferenciada do que faremos, mas que possamos estar juntos no projeto estadual.

O senhor acha que é possível essa composição, mesmo com as divergências que existem no âmbito nacional?

Não apenas acho, como defendo.

As denúncias que envolveram o secretário estadual da Fazenda, Jorcelino Braga, têm algo a ver com o debate político que é travado agora?

Minha avaliação é que este episódio contribui para um acirramento maior ainda entre o PSDB e o PP. As discussões entre as lideranças desses dois partidos vinham esquentando há algum tempo, e esse episódio fará que com que haja um enfrentamento cada vez maior, o que vejo é altamente prejudicial principalmente para o PSDB, que já estava isolado, e com esse enfrentamento fica mais isolado ainda.

De alguma forma este fato atinge a base aliada do presidente Lula em Goiás?

De maneira alguma. A base é forjada num trabalho do PT com o PMDB, e conseguimos tirar do PSDB partidos que historicamente estavam no mesmo palanque, como o PP, PR, PSB, PDT, PCdoB. Estes partidos estavam no “Tempo Novo”, na chamada base aliada antiga, que hoje acabou.

Que diferença terá a participação de Anápolis nas eleições de 2010, em relação aos pleitos anteriores?

Anápolis vive excelente momento, com a administração do prefeito Antônio Roberto Gomide. A cidade vivenciou momentos difíceis nas últimas administrações, hoje vive momento de animação. O povo alegre, feliz, animado, resgatando sua auto-estima. Anápolis também recupera o tempo perdido e

começa a não apenas mostrar avanços do ponto de vista de obras, projetos e investimentos, seja com recursos municipais ou em parcerias com governos estadual ou federal, mais que isso Anápolis resgata a sua importância política. Participa diretamente dos debates do estado, dialoga diretamente com o governo do Estado e tendo trânsito livre no governo federal. Isso nos dá a certeza que Goiás verá na cidade de Anápolis um peso estratégico na definição das próximas eleições.

A discussão sobre o aumento da representatividade política de Anápolis, neste momento, é importante ou é secundário neste momento?

É um debate importante. É justo e legítimo que juntos busquemos maior representação política para nossa cidade. Agora, não podemos transferir esta responsabilidade para o eleitor, como se ele fosse o culpado por não termos essa representação. Este debate é de responsabilidade dos partidos, que têm que se preparar para apresentar candidatos à altura para receber o voto do eleitorado e ter estratégia definida para que estes candidatos tenham alguma chance nas chapas onde eles estão presentes. Porque às vezes lançam candidatos que não têm a mínima condição de disputar. Alguns até se preparando para depois participar de uma eleição municipal, ou são candidatos que têm preparo, mas que não são colocados numa chapa competitiva. Isso não é de responsabilidade do eleitor, mas dos partidos políticos.

Os partidos e as lideranças, em Anápolis, estão amadurecidos para abraçar um projeto comum em benefício da cidade?

Sim. Vejo um amadurecimento dos partidos, até porque apanhamos muito nas eleições anteriores e isso faz com que todos tenhamos que refletir e buscar um caminho mais correto. Vejo movimentações interessantes, por exemplo, na Câmara Municipal. Partidos

buscando viabilizar candidaturas à Assembleia Legislativa, o próprio PT que trabalha a candidatura da vereadora Dinamélia (Ribeiro), o PSB com a candidatura de Sirio Miguel, o PSC com Carlos Antônio. Vejo movimentações dentro de uma estratégia de unificação dentro de seu próprio partido e buscando uma competitividade com candidatos de outras cidades. Acho que este é um caminho que pode trazer frutos positivos para a cidade.

Em Anápolis, há possibilidades de aproximação entre PT e PMDB?

Da nossa parte não há dificuldade alguma. Nós temos este distanciamento por opção do PMDB. O ex-prefeito (Adhemar Santillo) disse que tem que ficar na oposição, porque a população os colocou na oposição. É um direito que eles têm e que nós respeitamos. Mas queremos trabalhar por Anápolis e todos aqueles que querem o bem de Anápolis e dar sua contribuição serão bem vindos. Inclusive quero ressaltar o papel importante que os vereadores do PMDB têm cumprido na Câmara Municipal. Eles têm posição de alto espírito cívico, preocupados com a cidade, contribuindo com o desenvolvimento e sendo parceiros neste momento importante que a cidade está vivendo.

Se em Anápolis não houver aproximação entre PT e PMDB, prejudica de alguma forma o projeto regional?

De maneira alguma. Estamos dialogando e esta aliança depende do PMDB estadual, que tem uma definição política favorável à aliança com o presidente Lula e o PT, e defende que o partido esteja na vice da ministra Dilma e uma chapa integrada no estado. Da nossa parte não criaremos qualquer dificuldade pelo que vivenciamos em Anápolis, repito, respeitamos a posição de algumas lideranças do PMDB que ainda insistem nas críticas à administração, saberemos levar e respeitar a opinião de cada um.